

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

VALDA DE FATIMA DA FONSECA MACHADO

A BONITEZA DO EDUCAR:
PAULO FREIRE POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Goiânia
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Valda de Fatima da Fonseca Machado

Título do trabalho: A boniteza do educar: Paulo Freire por uma educação libertadora

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Cynthia Maria Jorge Viana, Professora do Magistério Superior**, em 01/03/2023, às 13:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valda De Fatima Da Fonseca Machado, Discente**, em 01/03/2023, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3560571** e o código CRC **988455BD**.

VALDA DE FATIMA DA FONSECA MACHADO

**A BONITEZA DO EDUCAR:
PAULO FREIRE POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Profa. Dra. Cynthia Maria Jorge Viana

Goiânia
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Machado, Valda de Fatima da Fonseca

A boniteza do educar [manuscrito] : Paulo Freire por uma educação
libertadora / Valda de Fatima da Fonseca Machado. - 2023.

XLVI, 46 f.

Orientador: Profa. Dra. Cynthia Maria Jorge Viana.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Pedagogia, Goiânia,
2023.

Bibliografia.

1. Paulo Freire. 2. educação libertadora. 3. emancipação. 4.
liberdade. 5. reflexão crítica. I. Viana, Cynthia Maria Jorge, orient. II.
Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quinze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e três iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A boniteza do educar: Paulo Freire por uma educação libertadora" de autoria de Valda de Fatima da Fonseca Machado, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela profa. Dra. Cynthia Maria Jorge Viana - orientadora (FE/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: profa. Dra. Fabiane Lopes de Oliveira (FE/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final 10,0 (dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Cynthia Maria Jorge Viana, Professora do Magistério Superior**, em 16/02/2023, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabiane Lopes De Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 16/02/2023, às 16:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3531638** e o código CRC **7E8A4414**.

Com amor, ao meu esposo Douglas e a minha filha Quezia por me incentivar nos momentos alegres e nas dificuldades nessa caminhada de formação.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por tudo que fez e fará na minha vida.

Ao meu amado esposo Douglas, pelo apoio, suporte e incentivo para retornar aos estudos e acreditar que seria possível. Muito obrigada por tudo.

À minha amada filha Quezia, por me incentivar e ser minha companheira até a madrugada, em alguns dias e em algumas atividades da Faculdade. Obrigada filha!

À minha família: ao meu pai, a minha mãe (*in memoriam*), aos meus irmãos, aos meus sobrinhos e aos meus enteados.

À minha amada Juliana (a Ju) e seu esposo Pastor Josué, pelo apoio e incentivo em todo o ano de 2018, colaborando e me ensinando nos preparativos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Aos monitores Sarah Karoline e Gabriel, pela paciência e contribuição na minha formação.

Aos meus amigos mais próximos e colegas da Faculdade de Educação/UFG.

Aos professores, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), pelo ensino oferecido a mim.

À querida orientadora Cynthia Maria Jorge Viana, pela paciência, parceria, dedicação e compreensão nessa minha jornada formativa.

À querida professora Fabiane Lopes de Oliveira, pelos anos de aprendizado e por estar compondo esta Banca, avaliando e contribuindo com o meu trabalho.

Aos educadores da Faculdade de Educação/UFG, que ao longo destes quatro anos foram importantes no meu processo de formação.

Obrigada a todos!

Não há como separar também a decência da boniteza. Quer dizer, a educação, enquanto busca da boniteza necessariamente procura a decência também. A decência do ser, e a natureza política dela, e a educação nos inviabiliza de ser neutros, quer dizer, você tem que, no fundo, ter uma opção. Você tem que ter uma escolha e depois brigar pela sua escolha, brigar pelo seu sonho.

Paulo Freire (1997)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir, com base no educador Paulo Freire, os aspectos de uma educação libertadora, que considere o educando como um sujeito capaz de superar as opressões sociais e transformar o mundo em que vive. Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, que tem como referência algumas fontes teóricas, como livros, textos acadêmicos e uma carta aberta aos educadores(as) elaborada pelo próprio Paulo Freire. Os livros estudados foram: “Educação como prática da Liberdade” (FREIRE, 1967), em que o educador defende uma educação para a liberdade e ressalta a importância da reflexão crítica; “Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire” (FREIRE, 1979), em que expõe uma pedagogia com o intuito de levar o educando a ser um indivíduo consciente da sua realidade; “Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2016), no qual revela a educação “bancária” e as possibilidades de uma educação libertadora; “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 2018), em que argumenta que ensinar não é transferir conhecimento, mas agir de forma democrática dando voz e vez ao educando; “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1992), no qual traz a ideia de esperança como ação para modificar as opressões enfrentadas no mundo. Foram consultados também os arquivos de Paulo Freire disponíveis *online*, para traçar alguns recortes da biografia do educador e sua importância para educação brasileira. Para uma melhor organização, o trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro traz elementos da vida de Paulo Freire; e o segundo expõe seu entendimento a respeito de uma educação libertadora que possibilite ao educando refletir criticamente sobre sua atuação no e com o mundo. A boniteza do educar de Paulo Freire está na defesa de uma educação com base em uma relação dialógica entre educador e educando, em um processo de respeito um ao outro, em que ambos estão aprendendo e ensinando mutuamente.

Palavras-chave: Paulo Freire; educação libertadora; emancipação; liberdade; reflexão crítica.

ABSTRACT

The purpose of this work is to discuss, based on educator Paulo Freire, the aspects of a liberating education, which considers the student as a subject capable of overcoming social oppression and transforming the world in which he lives. This is a qualitative research of the bibliographical type, which has as reference some theoretical sources, such as books, academic texts and an open letter to educators prepared by Paulo Freire himself. The books studied were: “Educação como Prática da Liberdade” (FREIRE, 1967), in which the educator defends an education for freedom and emphasizes the importance of critical reflection; “Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire” (FREIRE, 1979), in which he exposes pedagogy with the intention of leading the student to be an individual aware of his/her reality; “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 2016), in which he reveals “banking” education and the possibilities of a liberating education; “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 2018), in which he argues that teaching is not transferring knowledge, but acting in a democratic way, giving the student voice and time; “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1992), in which he brings the idea of hope as an action to modify the oppressions faced in the world. Paulo Freire's archives available online were also consulted in order to outline some excerpts from the educator's biography and his importance for Brazilian education. For better organization, the work is divided into two chapters: the first brings elements from Paulo Freire's life; and the second exposes his understanding of a liberating education that enables the student to critically reflect on his performance in and with the world. The beauty of Paulo Freire's education lies in defending an education based on a dialogical relationship between educator and student, in a process of mutual respect, in which both are learning and teaching each other.

Keywords: Paulo Freire; liberating education; emancipation; freedom; critical reflection.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. AS BONITEZAS DA VIDA DE PAULO FREIRE: UMA BREVE BIOGRAFIA.....	16
3. POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA E DEMOCRÁTICA: REFLEXÕES FREIRIANAS.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir, com base no educador Paulo Freire, os aspectos de uma educação libertadora, que considere o educando como um sujeito capaz de superar as opressões sociais e de transformar o mundo em que vive. Entende-se a educação libertadora freiriana como marco de valorização da educação e do ser humano; uma educação que se dá por meio de práticas pedagógicas que objetivam a formação do educando no ambiente escolar e, também, para suas relações cotidianas, a partir de um pensamento crítico sobre si e sobre o mundo. Desse modo, ele poderá ser um sujeito capaz de refletir com criticidade e ética acerca de seu modo de estabelecer relações com os outros homens e com a natureza, para contribuir com mudanças que impactem, não só individualmente, o mundo onde vive.

A educação freiriana traz uma perspectiva que visa romper com os limites da educação tradicional, isto é, busca a emancipação humana por meio do pensamento e da reflexão sobre seu modo de atuar e viver. Essa educação almeja estabelecer conexões com a boniteza das relações entre os sujeitos e destes com a própria vida. Ela possibilita ao educando conscientizar-se de que tem a capacidade de transformar a realidade e livrar-se das opressões.

Em uma sociedade configurada pelos ditames do sistema capitalista de produção ficam pautadas relações de poder, nas quais são estabelecidos critérios que atribuem aos detentores de posses e bens materiais o acesso ao conhecimento construído pela humanidade ao longo dos anos. A eles, os “possuidores do saber”, são dados os contornos dos modos de vida. Para Freire (2016), “Daí que tendam a transformar tudo o que os cerca em objetos de seu domínio. A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu comando” (FREIRE, 2016, p. 86). Portanto, a educação freiriana busca restaurar a boniteza das relações, conforme mencionado, trazendo a possibilidade, inclusive, de romper com tais relações de opressão. Para o oprimido desvencilhar-se dos grilhões é preciso pensar criticamente, de modo ético, a fim de restaurar e reforçar a boniteza das relações entre os humanos. A beleza da vida só poderá existir de modo legítimo com a libertação e emancipação dos homens. Para Freire (2016), a saída para desse estado de dominação se dá por meio de um pensamento que permita a transformação no e do mundo.

Desse modo, Freire (2016) lutou por uma educação que fizesse com que o educando, seja criança ou adulto, tivesse a capacidade de refletir sobre si e sobre a história: história como algo possível de se concretizar, com possibilidades concretas de modificações, já que o mundo está sempre se transformando a todo tempo. Para o autor, não se deve estar no mundo apenas

como quem o observa; os seres humanos atuam neste mundo questionando e intervindo de maneira a contribuir como sujeitos que participam dos acontecimentos da história.

Nesse sentido é preciso pensar acerca de uma educação para além das tradicionais práticas pedagógicas e do alfabetizar; é necessário pensar na educação libertadora que emancipa o homem, fazendo com que ele percorra caminhos que o valorize como um ser capaz de refletir e lutar por seus direitos. Lutar por uma educação de qualidade é parte disso e compõe a busca das possibilidades para permanecer não somente na escola, mas para sustentar suas relações com o mundo, nele estando e atuando, pois cada ser humano é um sujeito de direitos e deveres.

Dessa maneira, esse trabalho tem como tema os escritos de Paulo Freire sobre uma educação libertadora, cujo objetivo é refletir sobre essa educação e sobre o papel da escola, com base em uma concepção freiriana, que possibilite o educando se libertar de uma situação opressora. Conforme mencionado anteriormente, é necessário um ambiente escolar acolhedor, com educadores que incentivem e promovam um pensamento reflexivo e crítico para que o educando se liberte das opressões sociais cotidianas. Foi nesse sentido que o educador Paulo Freire dedicou parte de sua vida a um método que possibilitasse ao educando a compreensão da importância do conhecimento, a partir de um processo educacional que vai além de alfabetizá-lo. Por meio das práticas pedagógicas propostas por Freire (1967; 2016), nas quais o educando participa da ação, com perguntas e questionamentos, o educador traz ao educando a possibilidade de um pensamento crítico sobre suas ações no mundo, por meio de um processo de reflexão e conscientização. Uma educação pautada nessas práticas educativas é importante, pois para o autor uma ação educativa como prática da liberdade auxilia o educando a conhecer melhor como seus direitos lhes são assegurados, levando-o a questionar sobre suas condições de vida.

De acordo com Freire (1967), uma prática pedagógica que visa um processo democrático não pode estar apenas compromissada com a quantificação de novos eleitores votantes nos processos eleitorais. De modo crítico, Freire (1967) busca ir além da simples alfabetização e postula uma alfabetização composta pelas possibilidades de leitura do mundo. O autor denuncia um movimento que visa apenas oprimir as pessoas, estabelecendo-as como eleitoras. Para Freire (1967), as pessoas estão para além do voto; elas precisam ser consideradas pessoas reais que tenham voz em uma democracia. Para o autor:

[...] aí está todo o problema pois do ponto de vista desta pedagogia da liberdade, preparar a democracia não pode significar apenas preparar para a conversão do analfabeto em eleitor, isto é, para uma opção limitada pelas alternativas estabelecidas por um esquema de poder preexistente. (FREIRE, 1967, p. 22-23).

Uma das bonitezas de Freire (1967) é a sua ação por meio de práticas pedagógicas de um educador que enfrentou dificuldades na luta por uma educação para libertar o ser humano. Dessa forma, ensina-os a pensar de modo a desvendar seus olhos e, também, a lutar e enfrentar a “guerra” pela defesa de seus direitos, especialmente, para que possam frequentar e permanecer no ambiente escolar, buscando melhorias para si e para as outras pessoas. Assim, o educando com sua mente alforriada e liberta poderá atuar no mundo.

A justificativa para desenvolver uma pesquisa sobre esse tema na universidade, especialmente em um curso de Pedagogia, sustenta-se na possibilidade de estudar um autor importante para educação e, além disso, compreender seus escritos sobre uma educação libertadora. Nesse sentido, pensar o significado da educação freiriana e as práticas pedagógicas propostas por ele são essenciais na formação acadêmica, pois leva a refletir sobre um conhecimento diferente de uma educação “bancária” e tradicional.

Ressalta-se que esse trabalho está delimitado à área das Ciências Humanas, em especial à Educação, e foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, a partir dos escritos de Paulo Freire sobre a educação. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa estuda os motivos, os significados de cada objeto, as crenças de um povo, quais os seus valores e o comportamento de uma sociedade de modo qualitativo e não em termos somente numéricos. A autora explica que o que diferencia uma pesquisa de outra é que na pesquisa quantitativa os estudiosos analisam os números e objetos visíveis, palpáveis; já a pesquisa qualitativa visa uma análise mais investigativa sobre significados sociais nos modos de agir das pessoas e os relacionamentos de convivência com os outros. Para Minayo (1994): “A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (p. 22).

Com relação à pesquisa bibliográfica, Lima e Miotto (2007) afirmam que ela se caracteriza por “[...] um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA; MIOTTO, 2007, p. 44). Assim, este trabalho de conclusão de curso se pautou em leituras e estudos cuidadosos, buscando o rigor científico, a partir de alguns referenciais bibliográficos. Desse modo, teve-se como referência algumas fontes teóricas, como livros, textos acadêmicos e uma carta aberta aos educadores(as) elaborada pelo próprio Paulo Freire. Os livros estudados foram: “Educação como prática da Liberdade” (FREIRE, 1967), em que o educador defende uma educação para a liberdade e ressalta a importância da reflexão crítica; “Conscientização: teoria e prática da

libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire” (FREIRE, 1979), em que expõe uma pedagogia com o intuito de levar o educando a ser um indivíduo consciente da sua realidade; “Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2016), no qual revela a educação “bancária” e as possibilidades de uma educação libertadora; “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 2018), em que argumenta que ensinar não é transferir conhecimento, mas agir de forma democrática dando voz e vez ao educando; “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1992), no qual traz a ideia de esperança como ação para modificar as opressões enfrentadas no mundo. Foram consultados também os arquivos de Paulo Freire disponíveis online, para traçar alguns recortes da biografia do educador e sua importância para educação brasileira.

Para uma melhor organização, o trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro traz elementos da vida de Paulo Freire, especialmente, a partir do texto “A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire”, escrito por Araújo Freire (1996); e o segundo expõe seu entendimento a respeito de uma educação libertadora que possibilite ao educando refletir criticamente sobre sua atuação no e com o mundo, a partir do material citado. A boniteza do educar de Paulo Freire está na defesa de uma educação com base em uma relação dialógica entre educador e educando, em um processo de respeito um ao outro, em que ambos estão aprendendo e ensinando mutuamente.

2. AS BONITEZAS DA VIDA DE PAULO FREIRE: UMA BREVE BIOGRAFIA

Para entendermos as bonitezas do educar de Paulo Freire, faz-se necessário compreendermos um pouco sobre a vida do autor e qual a sua importância na educação, especialmente, de adultos. Para isso foi feita uma reflexão com base em um documento que faz parte do acervo do “Centro de Referência Paulo Freire”, com a organização de Moacir Gadotti e outras participações de colaboradores, dentre eles a segunda esposa de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire. O título do capítulo de Araújo Freire (1996) é “A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire”. Para compor a biografia do educador também foram utilizadas outras obras neste capítulo.

Para refletirmos sobre uma educação que poderá libertar o ser humano das opressões cotidianas, torna-se importante compreender a vida e o legado que o educador deixou para os educandos e educadores do passado, presente e futuro. Nas palavras de Nita, falar sobre Paulo Freire foi uma atividade prazerosa uma vez que se conheciam na intimidade com respeito e amor e, também, por que ela conheceu de perto a luta do educador no ensino brasileiro, além de se conhecerem desde a adolescência (ARAÚJO FREIRE, 1996).

De acordo com Araújo Freire (1996), Paulo Reglus Neves Freire foi um educador muito importante para o Brasil e para a educação brasileira. Nasceu em Recife/PE no dia 19 setembro de 1921, filho de Edeltrudes Neves Freire e Joaquim Temístocles Freire. Araújo Freire (1996) escreve sobre acontecimentos da vida do companheiro, relatando a infância e os dias de sua rotina bem aproveitados na luta por uma educação que transforma o indivíduo, levando-o à reflexão sobre si e sobre a sociedade. Ainda de acordo com a autora, o educador teve seu primeiro contato com a leitura com sua mãe, que o ensinava escrevendo palavras com gravetos colhidos dos pés de mangueira. Lá nas sombras dessas árvores, no fundo da casa onde moravam, ela, a mãe, escrevia palavras no chão para que Paulo Freire aprendesse a ler e a escrever. Como relata Araújo Freire (1996), Freire “Começou a leitura da palavra, orientado pela mãe, escrevendo palavras com gravetos das mangueiras, à sombra delas, no chão do quintal da casa onde nasceu, na Estrada do Encantamento, 724, no bairro da Casa Amarela, como tanto gosta de lembrar e de dizer” (p. 28).

Para Araújo Freire (1996), ainda na fase de criança Paulo Freire foi morar em Jaboatão, cidade vizinha de Recife, a 18 quilômetros. As recordações que guardava de lá são difíceis, de dor e sofrimento e, ao mesmo tempo, trazem prazer e crescimento. O educador sentiu a dor de perder seu pai muito cedo, logo aos treze anos de idade, no entanto experimentou uma

convivência acolhedora nessa época, em que pessoas amigas se solidarizaram com ele enquanto enfrentava momentos angustiantes. Nesses tempos experimentou momentos de tristeza junto com sua mãe, pois ela ficou sem o seu companheiro muito cedo e, mesmo assim, prosseguiu no cuidado com a família. Mas, muitas vezes é num momento de angústia que os laços de união se fortalecem aumentando o amor entre a família. Araújo Freire (1996) afirma que,

[...] Paulo, aos 13 anos de idade, experimentou a dor da perda de seu pai, conheceu o prazer de conviver com os amigos e conhecidos que foram solidários naqueles tempos difíceis, sentiu o sofrimento quando viu sua mãe, precocemente viúva, lutar para sustentar a si e a seus quatro filhos, fortaleceu-se com o amor que entre eles aumentou por causa das dificuldades que juntos enfrentaram, sofreu a angústia devido as coisas perdidas e às provações materiais, espantou-se com o crescimento de seu corpo, mas, sem deixar que o menino o abandonasse definitivamente, permitiu que o adulto fosse conquistando espaço em sua existência. (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 28-29).

Para Araújo Freire (1996), apesar das aflições e dos momentos difíceis vividos na cidade de Jaboatão, houve acontecimentos prazerosos na vida do educador nessa época. Foi lá que ele aprendeu e percebeu o quanto é gratificante correr atrás de uma bola praticando futebol. Foi naquelas terras que Freire ficava observando as mulheres que tinham o costume de lavar roupas agachadas na beira do rio Jaboatão. Segundo a autora, também foi lá que Freire aprendeu a cantarolar e a assobiar e que costumava praticar tais hábitos sempre que necessitava aliviar a fadiga cotidiana. Outras vezes exercia o diálogo nas rodas de conversa entre amigos e experimentou os primeiros relacionamentos afetivos.

De acordo com Araújo Freire (1996), na cidade de Jaboatão, Paulo Freire experimentou diversas sensações, momentos difíceis de grandes decepções, mas também momentos alegres que o ensinaram a perceber diferenças importantes enfrentadas cotidianamente. Nessa cidade, Freire frequentou e concluiu o período escolar primário. Após esse período, deu início ao ginásio no Colégio 14 de julho. Em seguida ingressou no Colégio Osvaldo Cruz e, nesse lugar, cursou Ensino Fundamental e, também, o pré-jurídico. Ingressou na faculdade aos 22 anos de idade, no ano de 1943, uma Faculdade de Direito na capital Recife. Essa área de estudo era a única opção uma vez que não havia outra oferta em Ciências Humanas, pois não existia formação no ensino superior na área da educação em Pernambuco naquele tempo (ARAÚJO FREIRE, 1996).

De acordo com a autora, Freire conheceu sua primeira esposa antes de concluir seus estudos na Faculdade e casaram-se no ano de 1944. Ela era professora e diretora de uma instituição primária e se chamava Elza Maia Costa Oliveira. Ela acompanhou de perto o crescimento de Paulo Freire em suas primeiras atividades desenvolvidas na área educacional.

Os dois tiveram cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes e permaneceram casados por um longo período, até 1986, ano em que Elza faleceu.

Nesse período ele retornou ao colégio que lhe deu apoio no seu tempo de adolescente, só que agora como professor de Língua Portuguesa. Esse retorno para ensinar português e seu porte físico mais frágil foi algo essencial que o livrou da II Guerra em terras italianas. Após este período, o educador passou por uma experiência na direção do setor de Educação e Cultura do SESI (Serviço Social da Indústria) no ano de 1947, órgão na época com pouco tempo de criação, feita pela Confederação Nacional da Indústria, acordado com a Era Vargas (ARAÚJO FREIRE, 1996). Nessa experiência, Freire teve contato com a educação e percebeu a necessidade de um ensino que contemplasse as demandas dos indivíduos adultos trabalhadores. Freire exerceu a função de diretor na área da Educação do SESI nos anos de 1947 a 1954 e, também, ocupou a Superintendência do mesmo setor de 1954 a 1957.

Por meio da união de Paulo Freire com outros educadores, foi possível a fundação, no dia 03 de março de 1955, de uma instituição privada de ensino, o Instituto Capibaribe. Educadores inquietos e inconformados com a educação daquela época se juntaram e fundaram tal Instituto, que passou a funcionar como uma das primeiras instituições educacionais com a possibilidade de pensar uma educação diferente. O objetivo fica explicitado na página *online* da Instituição, cujo caráter principal era a discussão e a busca por “[...] novas ideias a respeito do por quê, do para quê e do como, ensinar e aprender” (INSTITUTO CAPIBARIBE, 2022, s.n). Tinha ainda como objetivo a luta pela educação das crianças e uma melhor formação de educadores. Paulo Freire escolheu o nome do Instituto inspirado na cultura do lugar que vivia, que era banhado beleza poética do rio Capibaribe (INSTITUTO CAPIBARIBE, 2022). Essa instituição está atuante na cidade do Recife até os dias atuais, com um ensino de boa qualidade e formação científica, ética e moral que visa uma consciência com base na democracia (ARAÚJO FREIRE, 1996).

A autora continua o relato das experiências vividas por Paulo Freire, trazendo um dado interessante. O então prefeito Pelópidas Silveira, por meio do Decreto de nº 1.555, de 09 de agosto de 1956, com a presença de oito importantes educadores pernambucanos, fez a nomeação de Paulo Freire como membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife. Tempos depois foi nomeado como diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. A autora ainda relata:

Em fins de 1959, prestou concurso e obteve o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, defendendo a tese ‘Educação e atualidade brasileira’. Esta titularidade

assegurou-lhe, [...] a nomeação de professor efetivo (nível 17) de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife, tendo tomado posse em 2 de janeiro de 1961. (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 34, grifos da autora).

A atuação de Paulo Freire na área da educação, da cultura e na política no Estado e no país abriu caminho para que ele pudesse participar de diversos cargos ao mesmo tempo. De acordo com Araújo Freire (1996), por meio do concurso, além de doutorado, a ele foi concedido um certificado de Livre-Docente da cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes, em 1962. A autora afirma que Paulo Freire foi um dos “Conselheiros Pioneiros” e que as pessoas escolhidas foram aquelas com algum conhecimento e alguma prática na área educacional e cultural do Estado do Pernambuco. Esses conselheiros foram empossados em novembro de 1963 e ficaram com a responsabilidade de elaborar o Primeiro Regimento do Conselho, que foi aprovado em 03 de março de 1964. Ainda de acordo com a autora, em 31 de março de 1964, esse Conselho finaliza suas atividades, pois treze conselheiros desistiram dos seus cargos porque se aproximava de um grande golpe em que as forças militares assumiriam o poder. Paulo Freire por estar completamente ocupado com os afazeres do Programa Nacional de Alfabetização em Brasília não pôde desistir coletivamente e foi exonerado em 20 de abril de 1964.

De acordo com Araújo Freire (1996), o educador foi um dos criadores do Movimento de Cultura Popular (M.C.P) do Recife. Ao trabalhar juntamente com determinados intelectuais, Freire visava a valorização da cultura regional e popular. Esse Movimento de Cultura Popular foi de grande importância no crescimento do educador, seja em sua profissão ou no âmbito pessoal.

Para a autora, Paulo Freire como um bom educador que ensina a liberdade para que o educando se aproprie do conhecimento, com o propósito de levá-lo a refletir, foi motivo de inspiração para a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, na cidade de Natal/RN. Nessa época, o educador se destacou com o seu método depois que participou da organização e direção de um processo no qual alfabetizou pessoas adultas. Paulo Freire se preocupava com uma educação que fosse voltada para os problemas relacionados à sociedade. Ele coordenou o Programa Nacional de Alfabetização em março de 1964, criado pelo Ministério da Educação, utilizando o “Método Paulo Freire”. Segundo Araújo Freire (1996), esse método “[...] tencionava alfabetizar, politizando, 5 milhões de adultos. Estes poderiam, pela lei vigente da época, fazer parte, em futuro próximo, do ainda restrito colégio eleitoral brasileiro do início dos anos 60” (p. 41).

É possível perceber que o golpe de 1964 ficou marcado na trajetória e na boniteza do educar de Paulo Freire, uma vez que esse movimento reprimiu todo o trabalho do autor no âmbito educacional, na educação de adultos, levando-o a ficar preso por mais de dois meses. Afirmava-se que Paulo Freire significava perigo, uma vez que ao alfabetizar os adultos eles poderiam ficar livre das opressões. Para se livrar da prisão o educador buscou refúgio na Embaixada Boliviana¹, em setembro de 1964. O próprio Freire (1979), escreve:

O golpe de Estado (1964) não só deteve todo este esforço que fizemos no campo da educação de adultos e da cultura popular, mas também levou-me à prisão por cerca de 70 dias (com muitos outros, comprometidos no mesmo esforço). Fui submetido durante quatro dias a interrogatórios, que continuaram depois do IPM do Rio. Livrei-me, refugiando-me na Embaixada da Bolívia em setembro de 1964. Na maior parte dos interrogatórios a que fui submetido, o que se queria provar, além de minha ‘ignorância absoluta’ (como se houvesse uma ignorância ou sabedoria absolutas; esta não existe senão em Deus), o que se queria provar, repito, era o perigo que eu representava. (FREIRE, 1979, p.15-16, grifo do autor).

De acordo com Araújo Freire (1996), esse “Método Paulo Freire” visava a alfabetização e o esclarecimento de inúmeras pessoas, levando-as, entre outras coisas, a serem eleitores no futuro. Um adulto alfabetizado poderá perceber o modo opressivo em que está submetido e lutar por transformações sociais. Desse modo, a classe dominante percebeu que poderia estar ameaçada com esse tipo de Programa, organizado em 21 de janeiro de 1964, e se posicionou contrária. Em 14 de abril de 1964, tal Programa foi eliminado pelos militares, o governo na época.

Para a autora, Paulo Freire só desejava que o povo oprimido se libertasse do sofrimento e tivesse a capacidade de participar, decidir e ser um povo consciente na condição de superar os impedimentos a eles impostos. Ele pensava na superação da condição de opressão e não na violência. O desejo de Paulo Freire é que a sociedade pudesse refletir numa condição de educação libertadora. O educador lutava por uma sociedade democrática em que não há opressores subjugando os oprimidos; a esperança é de uma democracia que atenda ao povo. Nas palavras da autora, Paulo Freire lutou “[...] por uma sociedade mais justa e menos perversa,

¹ A autora relata que o educador saiu de São Paulo protegido pelo embaixador boliviano, que o recebeu muito bem. Mesmo assim ele passou por dificuldades, pois a cidade de La Paz está localizada em altitude elevada na Cordilheira dos Andes, e isso abalou o seu corpo e sua estrutura. Além disso, também houve um golpe de Estado naquele país e Paulo Freire foi obrigado a sair da Bolívia e se asilar no Chile. Na cidade Santiago, com o apoio familiar, foi capaz de alcançar novos caminhos e um novo recomeço. Viveu com sua família no Chile de novembro de 1964 a abril de 1969. Continuou sua jornada com o objetivo de levar as pessoas a reflexão por meio da educação, atuou como assessor do *Instituto de Desarrollo Agropecuario* e do Ministério da Educação do Chile e, também, trabalhou na UNESCO no *Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria* do Chile. Ainda recebeu um convite especial para lecionar nos Estados Unidos e ajudar no Conselho Mundial das Igrejas. O educador de pronto atendeu as duas convocações (ARAÚJO FREIRE, 1996).

[...], por uma sociedade realmente democrática, na qual não haja repressores contra oprimidos, na qual todos possam ter voz e vez” (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 42).

Assim, Araújo Freire (1996) segue apresentando a trajetória do educador, que no período em que estava no exílio, recebeu um convite da Universidade de Harvard para ensinar seu método educacional, de abril de 1969 a fevereiro de 1970, em Cambridge, Massachusetts, local onde ele morava na época. Quando se mudou para Genebra, o educador continuou atuando na área educacional, como Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. Ele que foi impedido de ensinar a sociedade brasileira a refletir sobre uma situação opressora e a se libertar por meio da educação, teve seu método educacional valorizado e reconhecido pelos países por onde passou e deixou seu legado, fazendo o que mais sentia prazer, levar as pessoas a uma reflexão no intuito de se libertarem de uma situação de opressão.

Na obra de Freire (1979), percebe-se que o autor dá início à sua experiência educacional em 1962, na região Nordeste, um lugar de pessoas com necessidades educacionais específicas no Brasil. Naquela época, eram 25 milhões de pessoas, das quais 15 milhões não eram alfabetizadas, e isso, se tornou um motivo para o investimento de recursos e ações internacionais, como o programa “Aliança para o Progresso”, que “[...] interessou-se pela experiência realizada na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte (interesse que teve seu fim pouco tempo depois da própria experiência)” (p. 17). O método de alfabetização de Paulo Freire obteve resultados importantes, pois foram 300 trabalhadores que conseguiram adquirir um conhecimento por meio do processo de alfabetização, em apenas 40 horas, causando grande impacto social. Esse processo foi colocado à disposição para todo o país, tendo o governo federal, em um primeiro momento, a favor. Isso aconteceu do mês de junho de 1963 a março de 1964, com a promoção de diversos cursos visando formar pessoas que possam coordenar esse movimento educacional nas grandes cidades dos Estados brasileiros.

Araújo Freire (1996) cita que o objetivo do método para o ano de 1964 era instalar 20.000 círculos de cultura, com capacidade de instruir 2 milhões de educandos. Dessa forma, a intenção do método no Brasil era alfabetizar, começando pelos operários das cidades e, depois, chegar aos trabalhadores rurais. O método de alfabetização popular de Paulo Freire, ao contrário daquele que considera o homem somente como eleitor, tem como objetivo uma pedagogia para libertar o educando, preparando-o para a sua existência no mundo. Percebe-se que esse método visa uma democracia que significa muito além de uma conversão do homem sem instrução em uma pessoa útil na eleição. É por meio da educação que o educando poderá adquirir pensamento

crítico sobre o que está imposto e, também, possuir habilidade de definir qual a melhor alternativa a seguir, agindo de forma autônoma.

No livro de Freire (1979), intitulado “Conscientização”, o educador relatou que não era apenas seus pensamentos críticos que incomodavam as grandes elites, mas o resultado destes colocados à população analfabeta, uma vez que seu método educacional dava a possibilidade às pessoas de adquirir conhecimento e se libertar da opressão. Isso o levou a ser afastado completamente do povo. Essa boniteza do educar de Paulo Freire era uma oportunidade para as pessoas se libertarem e tornarem-se independentes. A educação freiriana, que forma o aluno baseada, entre outras práticas educacionais, nos círculos de cultura, o leva a ser um indivíduo que sabe discernir entre promessas e feitos realizados. Mas os grupos dominantes, “[...] não compreendem as relações entre alfabetização e ‘conscientização’. Obcecados por um único resultado – o aumento do número de eleitores –, deram somente um apoio muito escasso, do ponto de vista político, a esta forma de mobilização” (FREIRE, 1979, p. 20).

Desse modo, o educador não teve apoio político para realizar seu método educacional, pois sua preocupação era com a população pobre e oprimida, para que ela pudesse ter confiança no poder de ser livre e criadora da sua própria história. Assim,

O educador, preocupado com o problema do analfabetismo, dirigiu-se sempre às massas que se supunham ‘fora da história’; a serviço da liberdade, sempre dirigiu-se às massas mais oprimidas, confiando em sua liberdade, em seu poder de criação e de crítica. Os políticos, ao contrário, não se interessavam pelas massas, senão na possibilidade de estas serem manipuladas no jogo eleitoral. (FREIRE, 1979, p. 21, grifo do autor).

Dessa forma, analisando a biografia de Paulo Freire pelo olhar de Beisiegel (2002), percebe-se que ao contrário do educador, que defendia um ensino com o propósito de libertar os indivíduos do modo opressor, os governantes daquela época não tinham a preocupação com o aprender do educando, uma vez que visavam o indivíduo apenas como um voto, sem se importar com o ser humano. O autor relata que no processo do método de alfabetizar de Paulo Freire, ele desenvolvia com fidelidade suas idealizações com o objetivo de propor uma educação para conscientização da população, visando um ensino que pudesse proporcionar ao indivíduo refletir sobre suas condições; este feito foi colocado em prática no ano de 1961. O autor revela que a ação de alfabetizar foi suspensa pelos militares a partir de abril de 1964, e estava sempre sobre o olhar da política, que dominava todas as questões, inclusive as atividades educacionais.

A atividade educativa de Paulo Freire não era compreendida como algo sem intenção, pois toda a sua ação sempre foi de posicionamento claro e sua luta era pela classe trabalhadora. Seu método era voltado para alfabetizar com características que “[...] acentuavam a identificação entre a política e a educação ou, em outras palavras, explicitavam os conteúdos políticos inerentes ao processo educativo” (BEISEIEGEL, 2002, p. 896). Com apoiadores como a juventude acadêmica do movimento da “esquerda católica” e outros grupos da esquerda, esse processo tinha como intenção formar sujeitos mais conscientes, ou seja, tinha como objetivo um “[...] processo de formação da consciência de classe” (p. 897). Como suas ações educacionais foram suspensas pelo Golpe Militar de 1964, o educador enfrentou vários Inquéritos Policiais Militares (IPMs), sendo considerado mais como um adversário da política e não como um educador na luta de alfabetizar a população, como já foi dito anteriormente, levando-o a se exilar na Bolívia e, logo após, no Chile.

De acordo com Beisiegel (2002), Paulo Freire em seu tempo no Chile teve um período de muita produção escrita, em que concluiu seu livro “Educação como prática da liberdade”, discorrendo o que havia realizado em sua experiência com a alfabetização na educação de jovens e adultos no Brasil. No Chile desenvolveu atividades no Escritório Especial para a Educação de Adultos e foi professor na Universidade Católica no ano de 1968. Concluiu o manuscrito de “Pedagogia do Oprimido”, sua obra mais emblemática. Este livro foi publicado primeiramente na língua inglesa e na espanhola em 1970, com momentos reflexivos sobre sua atuação na área educativa, fazendo uma análise da relação entre política e educação e apresentando algumas alternativas para uma educação libertadora. Uma educação que leve as massas oprimidas a refletir, questionar e interrogar sobre a situação de opressão vivenciada, ao contrário de um ensino em que o aluno é sobrecarregado de conteúdo. Para o autor, nesse livro, o educador “Estuda a relação entre opressores e oprimidos, analisa as dimensões políticas da educação e apresenta suas propostas para uma *educação libertadora*, em oposição àquilo que denominou de *educação bancária*, domesticadora” (p. 897, grifo do autor). Paulo Freire ainda atuou em diversos países com uma educação libertadora, dentre eles passou pela América, Ásia, África. Em Genebra ajudou algumas pessoas do Brasil na criação do Instituto de Ação Cultural (IDAC) e, mais tarde, foi seu Presidente (BEISIEGEL, 2002).

De acordo com Araújo Freire (1996), depois de um longo tempo, o educador volta ao Brasil e desembarca no Aeroporto de Viracopos/SP em agosto de 1979. A autora revela que Paulo Freire teve uma recepção calorosa por algumas pessoas mais próximas, como amigos, familiares e simpatizantes com seu trabalho na área educacional e, também, alguns repórteres

o recepcionaram. Em 1980, o educador passa a oferecer seus conhecimentos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ele voltou em definitivo para o seu país de origem, país que devido às políticas repressoras, o impediu de realizar algumas ações e, até mesmo, de retornar ao Recife, sua cidade natal. O educador se instalou em São Paulo onde foi possível fazer o que mais amava, que era seu trabalho no seu próprio país, devido a uma Lei da Anistia e um espírito progressista do então Reitor da PUC-SP (ARAÚJO FREIRE, 1996).

Ainda de acordo com a autora, o educador precisou recomeçar sua vida profissional, mas teve algumas dificuldades, pois lhe foram tirados os cargos que exercia antes do exílio. Ao ser exilado Paulo Freire foi obrigado a deixar tudo para trás, cargos importantes como diretor do Serviço de Extensão Cultural (SEC), da Universidade do Recife, onde sistematizou seus serviços prestados por meio do “Método Paulo Freire”, além de ter idealizado a Rádio Educativa da Universidade. O golpe de 1964 retirou de Paulo Freire todas as possibilidades de auxiliar a população, assim como o tomou a posição de educador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras daquela Universidade, em outubro de 1964. Em setembro de 1980, após protestos de educandos e de educadores, tornou-se docente na Universidade de Campinas-UNICAMP até 1990 (ARAÚJO FREIRE, 1996).

De acordo com Beisiegel (2002), nos anos de 1980, Paulo Freire contribuiu para a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 1989 e 1991, e exerceu o cargo de Secretário de Educação do Município de São Paulo, no governo da prefeita Luiza Erundina de Sousa, sendo empossado em 1º de janeiro de 1989. Porém, enfrentou situações desafiadoras criadas “[...] tanto por políticos e intelectuais conservadores quanto por segmentos radicais do próprio Partido dos Trabalhadores” (p. 898). Ao longo desses anos serviu ao povo ensinando em sala de aula, concedendo entrevistas, realizando palestras, seminários, entre outros. Enquanto esteve na Secretaria de Educação do Município de São Paulo, novamente, Paulo Freire enfrenta dificuldades, pois sua atuação no ensino do município teve como registro a tentativa de construir uma maior relação entre a Secretaria, o ambiente escolar e os educadores. A intenção era,

[...] criar condições para ampliação da autonomia das escolas e para um maior envolvimento dos alunos, dos pais e da comunidade na gestão escolar. Durante toda sua administração, houve empenho do Governo Municipal em elevar a remuneração do pessoal docente. Dedicou especial atenção ao processo de melhoria da formação dos docentes e estimulou projetos voltados para a instituição da interdisciplinaridade no ensino. (BEISIEGEL, 2002, p. 898).

Paulo Freire, ao realizar importantes ações na área educacional em Pernambuco, teve o reconhecimento do Ministério da Educação, em 1991, pelas atividades desenvolvidas como Técnico em Educação no Serviço de Extensão Cultural. Este reconhecimento o reintegrou na Universidade Federal de Pernambuco, anos após seu exílio. Como o educador estava morando em São Paulo, na ocasião, a Universidade o concedeu aposentadoria. Na época enviou uma carta ao Ministério sendo grato por reconhecerem a injustiça praticada contra ele e toda a sua família na década de 1960. Diante disso, ele se demitiu da atividade que exercia como docente na UNICAMP, uma vez que a Constituição Brasileira de 1988 é contrária ao indivíduo que acumule mais de dois trabalhos ou benefícios públicos (ARAÚJO FREIRE, 1996).

Em outubro de 1986, Paulo Freire passa por um momento de sofrimento e dor com o falecimento de sua primeira companheira, aquela que tanto lhe incentivou em seus primeiros passos na defesa de uma educação libertadora, a professora Elza. Passado algum tempo de angústia, ele se casa com Ana Maria Araújo Freire, em 27 de março de 1988, em Recife. A autora revelou que eles se conheciam desde os tempos de criança em que eram amigos, se reencontraram na Pontifícia Universidade Católica tempos depois em seu mestrado, ela aluna-orientanda e ele como professor-orientador. Os dois sozinhos e viúvos perceberam que no carinho de uma amizade antiga existia a possibilidade de cuidado, afeto e amor, e então se casaram. A autora revela: “Comigo, Nita – nome carinhoso com que me chama –, pôde iniciar nova etapa de sua vida, inclusive aceitando novos desafios como homem público” (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 46).

Com uma administração baseada na democracia, ele prova que com atividades realizadas e o conhecimento devido poderá possibilitar atos responsáveis coletivamente para um educar mais eficiente e adequado, ou seja, tais atos “[...] levam à responsabilidade coletiva e à reinvenção do ato de educar com mais eficiência e adequação” (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 47). Como um homem público e com o conhecimento de educador, junto com sua equipe técnica, Freire marcou a educação municipal de São Paulo. Por pensar nas necessidades dos educandos e na comunidade, o exercício educacional de Paulo Freire foi proveitoso, modificando o ambiente escolar com reformas de escolas entregues a população, local com plenas condições de se exercer o ensino, com práticas pedagógicas adequadas às necessidades das crianças de uma classe vulnerável e uma melhor capacitação na formação do professor. O educador se preocupava com a formação de todos os profissionais envolvidos no ambiente educacional, fazendo da ação educativa um momento de conhecimento que coopere de acordo com a carência social da população. Paulo Freire deixou a função de Secretário Municipal de

Educação de São Paulo, “[...] para ser devolvido ao mundo” (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 48), palavras da prefeita na ocasião, Luiza Erundina, em um grande evento de despedida do educador do serviço público paulistano no Teatro Municipal da cidade.

Paulo Freire recebeu várias homenagens, tendo o seu nome em alguns estabelecimentos escolares em cidades paulistanas e em outros lugares no Brasil, bem como em outros países, como no Peru e no México, dentre outros. Além disso, uma instituição holandesa que teve suas atividades no início da década de 1980, com base em um modo de pensar freiriano e que orientava e beneficiava os trabalhadores da Nicarágua, recebeu o nome de Paulo Freire. Diversas universidades no país também receberam o nome do educador e, a ele, também foram concedidos vários títulos, como de destaque por serviços prestados à população, de cidadão honorário das cidades do Rio de Janeiro, 1983, e de São Paulo em 1986. O educador recebeu homenagens como um “Reconhecimento Fraternal” em Los Angeles, EUA, em 1986 e em Cochabamba, Bolívia, 1987. Em dezembro de 1987 foi-lhe dada uma homenagem colocando uma rua com seu nome na cidade de Itabuna, na Bahia.

Teve reconhecimento pelas suas atividades relacionadas à educação, entre elas, foi homenageado como Comendador da “Ordem Nacional do Mérito Educativo” do Ministério da Educação e Cultura do Brasil, em 13 de junho 1987; recebeu o prêmio “Manchete de Educação”, em 1989 e 1990; o “Diploma do Mérito Internacional” pela escrita de seu livro “A importância do ato de ler”, da *International Reading Association*, Estocolmo, Suécia, em julho de 1990; o título de “Educador do Ano”, entregue pela Câmara Municipal de Vereadores de Mogi das Cruzes/SP, em 1990 e o prêmio como “Libertador da Humanidade”, concedido em 1993, pela Assembleia Legislativa da Bahia, enquanto acontecia a Conferência Internacional de Educação para o Futuro, em 1993, na cidade de São Paulo. Em 9 de novembro 1994, Paulo Freire recebe em Washington, o prêmio do *International Consortium for Experimental Learning*, que é entregue todo ano a um educador conceituado, homenageando-o por suas ações e contribuições para educação. Paulo Freire recebeu o título de cidadão honorário em diversas cidades brasileiras e em outros países, assim como o título de “Professor Emérito” da Universidade Federal de Pernambuco, em 13 de dezembro de 1984 (ARAÚJO FREIRE, 1996).

A autora ainda descreve um pouco sobre o escritor Paulo Freire que, em seus livros, tinha como objetivo a produção de belos textos em que revela seus pensamentos com clareza. Age com disciplina, atenção e tem paciência para a escrita, sem pressa de terminar. Araújo Freire (1996) revela que o educador tinha o hábito de escrever fazendo leituras de outros autores e relendo os seus próprios textos. Sua devoção pela escrita se dava na busca de um sonho pela

democracia. Ele tem a percepção de que precisamos nos empenhar na possibilidade de construir uma sociedade democrática. Para Paulo Freire uma parte da responsabilidade de transformar esta sociedade compete aos educadores. Sobre isso, a autora escreve:

Assim, vem se entregando a ela, escrevendo, contestando, argumentando, procurando interferir mais diretamente no processo educativo para, dialeticamente, transformar as sociedades, sobretudo a brasileira, no sentido de que ela se torne menos autoritária, menos discriminatória, enfim, mais justa. (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 61-62).

Araújo Freire (1996) relata que o educador, ao escrever, tinha a intenção de revelar de algum modo um método educacional que tirasse a venda dos olhos dos trabalhadores, levando-os a uma reflexão sobre o significado de um ensino libertador. De acordo com a autora:

[...] Freire não escreve por escrever, e também não é educador para ser apenas um pedagogo do povo, mas para ser um escritor-pedagogo-educador que quer dar instrumentos epistemológicos e políticos às mulheres e aos homens para que aquelas e estes, transformando e reinventando suas sociedades, se afirmem, enquanto sujeitos de sua história, conscientes, engajados e felizes. (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 62).

Além de sua experiência na convivência com os educandos, realizando suas atividades e seus momentos reflexivos, Paulo Freire aceitava sugestões recebidas de diversas pessoas, uma delas foi a de Aluízio, seu companheiro de jornada e diretor do Colégio Osvaldo Cruz; de sua primeira esposa Elza; de professores(as) e pensadores(as); e, ainda, do povo que estava na caminhada junto a ele, e que era o objetivo de suas atividades educacionais. A respeito disso, Araújo Freire (1996) relata:

Aluízio P. de Araújo, um homem que fundamentava na democracia sua luta pela educação, influenciou-o desde a adolescência não só pelo caráter de extremo respeito e solidariedade para com o outro, mas também pelo humanismo cristão autêntico, pelo seu exemplo de vida, de seriedade, de cidadão e de compreensão humana. (p. 63).

A autora destaca ainda algumas particularidades e curiosidades² de Paulo Freire, afirmando que ele era um homem que transbordava orgulho e felicidade, tinha consciência do

² Paulo Freire tinha preferência em estar com os pés no chão, para contemplar as belezas da natureza. Ele tinha um sonho e esperou com paciência por, aproximadamente, setenta anos para realizá-lo: era o desejo de ganhar uma bola de couro, pois na sua infância, muito pobre, brincava com bolas feitas de meias para jogar futebol no Recife. O outro sonho ele não conseguiu concretizar que era aprender a andar de bicicleta. Paulo Freire falava com prazer quando estava com as comunidades populares e valorizava sua cultura. Para o educador isso trazia uma sensação de assistência, estar com eles cooperando em alguma ação, levando-o a entender, a dialogar com a comunidade, e a partir dela, sobre assuntos a respeito dos princípios, da educação, da compreensão e da situação vivenciada por cada um (ARAÚJO FREIRE, 1996). Para a autora, o educador tinha um carinho e amor especial pela cidade de São Paulo, por Cambridge e por Genebra, mas seu amor por Recife era diferente; ele amava a cidade como se fosse uma pessoa; sua terra, sua origem, seu amor eram imensuráveis. Paulo Freire andarihou por onde foi convidado,

havia feito e faria para a sociedade, e era um homem de muita fé e humildade. Em seu coração carregava seriedade e vontade de mudar as situações opressoras. Cada passo seu era um aprendizado ao lado da classe oprimida e a sua luta era constante para a libertação da opressão. Enfrentava dificuldades, mas sempre com a esperança de que pudesse haver mudanças sociais e um mundo mais democrático.

Na busca por essa democracia, Paulo Freire foi relator da Comissão Regional de Pernambuco e foi de sua autoria o relatório “A Educação de Adultos e as Populações Marginais: o Problema dos Mocambos”, apresentado no II Congresso Nacional de Educação de Adultos em 1958, no Rio de Janeiro. Nessa época, Paulo Freire teve seu reconhecimento como alguém que luta por uma educação diferente. Ele trazia em suas palavras um modo de ensinar renovador para o público adulto da Zona dos Mocambos que existia no Pernambuco, uma educação que visava algo que fosse fundamentado em reflexões a partir de experiências vivenciadas por aquele público que estava sendo alfabetizado; um ensino para além de entender as letras, o significado das palavras ou simplesmente conseguir formar uma frase. Ele visava uma educação para que o educando pudesse raciocinar e descobrir de forma consciente quando está vivendo sob opressão e se movimentar na busca de sua libertação. Paulo Freire insistia na luta por um ensino democrático, conforme mencionado, em que todos e cada um é visto com seu saber, pois era contrário ao ensino verticalizado e assistencialista, que atendesse as elites (ARAÚJO FREIRE, 1996).

Ele defendia, segundo Araújo Freire (1996), “[...] que só se faria um trabalho educativo para a democracia se o processo de alfabetização de adultos não fosse sobre – verticalmente – ou para – assistencialmente – o homem, mas com o homem” (p. 35). Uma das bonitezas do educar de Paulo Freire é que o seu diálogo buscava sempre uma educação para a coletividade, para a real situação vivida pelo educando, pois sua intenção era que o aluno tivesse consciência de si e da realidade enfrentada por cada um (ARAÚJO FREIRE, 1996).

Nos anos de 1950, Paulo Freire fazia parte de um grupo de educadores, universitários, pensadores e religiosos contrários ao *status quo*, buscando quebrar com os costumes antigos, ações de autoritarismo e com a discriminação no Brasil. Enquanto alguns que representam a

tanto no Brasil como no mundo. Assim, ele pôde perceber o modo de refletir, as emoções e quais as ações das pessoas de diferentes países. Ele era amante dos animais, mais específico dos pássaros. O educador como um bom nordestino aprecia o tempo quente, as aquecidas águas do mar, a caminhada pela areia das praias. Gostava da comida nordestina, tinha guardado na memória o prato “galinha de cabidela” acompanhada do feijão, ou de “peixe ao leite de coco” e, ainda, saboreava os gelados; gostava de sorvetes de “frutas tropicais” e era amante de doces e das frutas do local. Foi por um tempo dependente do cigarro e só desistiu dele quando percebeu que estava prejudicando a sua saúde. A autora revela que Paulo Freire ficou com consequências devido ao tempo que fez uso do tabaco (ARAÚJO FREIRE, 1996).

classe política estavam interessados no desenvolvimento do país, Paulo Freire juntamente com a sociedade civil estavam descontentes com a situação de desigualdade, de violência e com a quantidade de pessoas analfabetas no país. Desde essa época ele se tornou um educador indignado com a opressão vivida pelo povo. Seu modo de ensinar tinha o objetivo de abrir os olhos da comunidade discriminada em busca de solução para superar as condições vivenciadas pelo povo, com base em uma concepção revolucionária, com ação voltada para o bem comum e, de acordo com a Araújo Freire (1996),

Sua pedagogia continha a percepção clara da cotidianidade discriminatória da nossa sociedade até então preponderantemente patriarcal e elitista. Apontava soluções de superação das condições vigentes, avançadas para a época, dentro de uma concepção mais ampla e mais progressista: a da educação como ato político. (p. 36).

Paulo Freire se considerava um educador do povo oprimido, pois sempre suas ações levavam a uma educação que valorizava a sabedoria que este povo carregava, partindo do que ele ouvia as pessoas falarem, do modo como elas se expressavam, sempre com muito respeito às condições dessas pessoas. O educador não se conformava com determinadas situações e o seu esforço era no sentido de fazer algo que superasse um mundo regido pela obediência e pela desigualdade, com pessoas sem voz, afirmando que poderia existir um mundo diferente, onde há possibilidades de mudanças e destas pessoas se libertarem da opressão. A autora afirma:

Freire forjava-se, pela práxis vivida, como pedagogo do oprimido – mesmo sem ter ainda escrito a *Pedagogia do oprimido* – porque partia do saber popular, da linguagem popular, da necessidade popular, respeitando o concreto deles, o cotidiano de limitações deles. Além disso, não ficando no ponto de partida, apresentava uma proposta de superação deste mundo de submissão, de silêncio e de misérias, apontando para um mundo de possibilidades. (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 37).

Araújo Freire (1996) escreveu algumas observações a respeito do “Método Paulo Freire”, pois ele ainda hoje é difundido e praticado com certas adequações em alguns lugares relacionados à educação. Vale ressaltar que quando se fala de Freire e de alfabetização, a tendência é reduzi-la a algum tipo de procedimento e instrumento para aprender a ler e a escrever, mas o método de Paulo Freire na alfabetização de um adulto tem o objetivo de levar o indivíduo a se perceber como um ser humano com condições de vida e de produzir algo na e para a sociedade onde reside. Pois, para Araújo Freire (1996), “O ‘convite’ de Freire ao alfabetizando adulto é, inicialmente, para que ele se veja enquanto homem ou mulher vivendo e produzindo em determinada sociedade” (p. 37, grifo da autora). O educador convoca o indivíduo para que deixe o conformismo, a sensação de um ser incapaz e o estimula a perceber

que “[...] ele próprio é também um fazedor de cultura, fazendo-o apreender o conceito antropológico de cultura” (p. 37). E Araújo Freire (1996), continua: “O ‘ser-menos’ das camadas populares é trabalhado para não ser entendido como desígnio divino ou sina, mas como determinação do contexto econômico-político-ideológico da sociedade em que vivem” (p. 37, grifos da autora).

De acordo com a autora, para que fosse eficaz, o “Método Paulo Freire” partia da realidade do educando a ser alfabetizado, do que ele já tinha um certo entendimento, de sua prática e de acontecimentos experimentados no dia a dia, com o devido respeito àquele conhecimento passado de uma geração a outra. A partir deste conhecimento, Paulo Freire sugere que o educando consiga superar o senso comum e, partindo dele, se aproprie da escrita. A autora escreve: “O ‘Método’ obedece às normas metodológicas e lingüísticas, mas vai além delas, porque desafia o homem e a mulher que se alfabetizam a se apropriarem do código escrito e a se politizarem, tendo uma visão de totalidade da linguagem e do mundo” (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 39, grifo da autora).

Ainda sobre o método, ela afirma que a alfabetização da população do Brasil visava algo fundamental: a reflexão e a consciência crítica dos brasileiros. Assim, o método pode ser considerado revolucionário, porque pode tirar da subordinação e da omissão aqueles indivíduos que ainda não têm conhecimento sobre a palavra escrita e, também, não conseguem ler o mundo. Para a autora, Paulo Freire pensava uma sociedade livre da exploração, da exclusão e do impedimento de fazer uma leitura do mundo. O método,

Nesse sentido, é revolucionário porque ele pode tirar da situação de submissão, de imersão e passividade aqueles e aquelas que ainda não conhecem a palavra escrita. A revolução pensada por Freire não pressupõe uma inversão nos pólos oprimido-opressor, antes, pretende re-inventar, em comunhão, uma sociedade onde não haja a exploração e a verticalidade do mando, onde não haja exclusão ou interdição da leitura do mundo aos segmentos desprivilegiados da sociedade. (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 40).

Por fim, reafirma-se que Paulo Freire tinha uma compreensão de educação em que homens e mulheres pudessem ter seus direitos preservados com “[...] o ato de ler a palavra lendo o mundo” (ARAÚJO FREIRE, 1996, p. 40). Ou seja, outra boniteza do educar de Paulo Freire por uma educação amorosa na busca pela liberdade era ensinar o educando a adquirir habilidade para ler o mundo e refletir sobre acontecimentos de sua vida, tendo clareza da realidade em que vive e sempre buscando a libertação de uma sociedade opressora.

3. POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA E DEMOCRÁTICA: REFLEXÕES FREIRIANAS

Paulo Freire foi um educador capaz de se preocupar com o ser humano, levando-o a uma reflexão sobre o seu modo de ser, a partir de uma educação libertadora. Para o autor, em determinados ambientes escolares, o educando pode dominar um conhecimento que o leve a mudanças em sua vida no intuito de se libertar da opressão social e vir a ser um indivíduo capaz de refletir e lutar pela emancipação. Para Freire (2016), a opressão social é a ação do ser opressor sobre o “ser menos”, o oprimido, ou seja, daquele que detém o poder nas mãos sobre aquele que não tem. São aqueles que agem com violência explorando os mais fracos sem ter compaixão e empatia com o outro ser humano. De acordo com Freire (2016), os opressores consideram que apenas eles, possuidores de poder, são dignos de humanidade; as outras pessoas são consideradas objetos e não têm dignidade.

É que, para eles, pessoa humana são apenas eles. Os outros, estes são ‘coisas’. Para eles, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos. E isto ainda porque, afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam ‘generosos’. (FREIRE, 2016, p. 85, grifo do autor).

Dessa forma, ao estudar a obra de Freire (2018), “Pedagogia da Autonomia”, percebe-se que uma educação libertadora pode fazer com que o indivíduo adquira confiança, reflexão, ética, reconhecimento da identidade cultural e criticidade, podendo ser uma pessoa com capacidade de transformar o mundo em que está inserido. Para que o indivíduo tenha consciência de sua importância na sociedade ele precisa de um ambiente escolar e de educadores que o ensine a atividade de um ser pensante, capaz de intervenção no mundo e com o mundo.

Sendo assim, Freire (1979) apresenta uma concepção de educação em que, quanto mais o sujeito adquire consciência, mais atento ele fica aos acontecimentos que o cercam. A conscientização, para o autor, é o que o homem precisa experimentar na prática, na ação por meio do diálogo consciente, pois o indivíduo capaz de refletir assume a condição de sujeito que terá possibilidade de construção e reconstrução do mundo. A consciência requer do indivíduo que ele produza seu modo de viver a partir das condições sociais colocadas à sua disposição ao longo de sua vida.

Nesse sentido, de acordo com Freire (1979), para que uma atividade educativa promova a conscientização, faz-se necessário uma ação reflexiva sobre o indivíduo, analisando

sua condição de vida. Uma educação que não objetiva a reflexão pode partir para um ensino com ações que desvalorizem o educando, entendendo-o como um objeto sem importância, visto que o ser humano necessita de um ensino que valorize a sua habilidade de refletir. Freire (1979; 2016) afirma que um ensino que estabeleça o desenvolvimento consciente do indivíduo e o leve a um pensamento crítico poderá libertá-lo de uma situação de submissão, que o condiciona a um ajustamento e dificulta a sua emancipação.

Ao estudar os escritos freirianos sobre uma educação libertadora, entende-se que o professor, tendo a possibilidade de levar os educandos a refletirem sobre tal situação, age em favor das pessoas que mais sofrem, pois Freire (1967) acredita que o homem poderá ser livre para modificar o mundo e se tornar um crítico pensante. A partir do diálogo e da experiência do dia a dia, o educador indica um fundamento pedagógico em que o professor e o estudante possam aprender neste trabalho uma conquista conscientizadora do seu modo de vida.

Freire (1967) promoveu um ensino a partir de uma concepção de educação na qual o educador e o educando, pessoas com igualdade e liberdade, possam aprender em suas tarefas cotidianas a pensar sobre as condições em que estão vivendo. Freire (1967) reflete sobre uma educação que questiona o agir autoritário, substituindo o termo “escola” e “professor” por círculos de cultura em que este último os coordena por meio de atividades dialógicas. Nas palavras do próprio autor:

O educador estabeleceu, a partir de sua convivência com o povo, as bases de uma pedagogia onde tanto o educador como o educando, homens igualmente livres e críticos, aprendem no trabalho comum de uma tomada de consciência da situação que vivem. Uma pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias, onde não há ‘escola’ nem ‘professor’, mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é o diálogo. (FREIRE, 1967, p. 26; grifos do autor).

De acordo com Freire (2018) é de suma importância a ação do educador e do educando, pois ambos necessitam um do outro no ambiente escolar para que aconteça a aprendizagem. Assim, há a necessidade de ações reflexivas no processo no qual se forma o professor. O educador estabelece a visão de uma conscientização na qual ao assumir o papel de professor, este possa ter consciência da sua ação educativa, pois não deve agir como aquele que sabe tudo, com o poder nas mãos, autoritário, oprimindo o educando.

Para Freire (2018), à docência não acontece sem a discência, pois uma ação desenvolve a outra ação e, mesmo sendo diferentes, não significa que o educador e o educando serão condicionados a serem produtos/cópias um do outro. Ambos estarão, no processo educativo, aprendendo e ensinando. Desse modo, a ação de ensinar envolve também o aprender. Para o

autor, o ato de ensinar sem que se possa aprender é inútil, pois foi na ação de aprender que na história, homens e mulheres, perceberam que poderiam adquirir a capacidade de ensinar o outro. Para Freire (2018), “Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (p. 26). Assim, o educador que não é autoritário reconhece que o aprendizado acontece nesse movimento e entenderá que a sua atuação ao ensinar não é despejar o conteúdo, mas ensinar o educando a ser capaz de produzir, construir e refletir sobre sua atuação no mundo.

Freire (2016), quando trata a questão de depositar conteúdos no educando, está se referindo a uma relação de narração de ensino. Um ensino na forma de narração origina um educador, o narrador, e os educandos, os ouvintes, que são vistos como objetos, vasilhas que recebem depósitos, que são os conteúdos. De acordo com o autor é preciso reconhecer a existência do educando, numa luta contra o método educacional em que o educador ensina de uma maneira que é inundar o educando com suas temáticas narrativas e de conteúdo.

Sendo assim, Freire (2018) argumenta que uma educação baseada nesse modelo não aprofunda no seu significado. Para o autor, o ensino com base numa narração acontece de modo que o educador só levará os educandos ao processo em que eles irão memorizar de modo mecânico o aprendizado. Esse método ocorrerá de forma a encher o educando como se ele fosse um reservatório a ser preenchido por quem está ali a ensinar. Nesse sentido, na medida em que vai enchendo o reservatório, o educador será melhor, do mesmo modo, em que os educandos que vão recebendo esses depósitos de conteúdo sem reação e reflexão serão “excelentes” educandos. Assim, Freire (2016) descreve um método educacional com essa ação depositária, na qual os educandos recebem os depósitos docilmente. Essa educação abandona o processo de libertação do indivíduo, ao invés de manter o diálogo com os educandos com a intenção de fazê-los refletir sobre o aprender. O educador comunica-os sobre algo e, nesse tipo de educação, os educandos ouvem e aceitam os conteúdos como depósitos a eles dispensados, memorizando e fazendo repetições, conforme mencionado anteriormente.

Essa é a educação “bancária”, de acordo com Freire (2016), que não possibilita o processo de emancipação do educando, pois não há diálogo com o educador. O educando permanece sentado, passivamente. Essa concepção de educação “arquiva” conteúdos nos indivíduos e fazem deles também “arquivos”, pois se tornam impossibilitados de indagar, de perguntar e de refletir. Dessa forma, tanto o educador quanto o educando poderão ficar “arquivados” neste tipo de atividade pedagógica, partindo do princípio de que ambos não terão liberdade para criar e se transformarem na ação de ensinar e aprender. Na educação “bancária”,

um sujeito que pensa ser inteligente termina por agir de modo a oprimir o outro, numa valorização da ignorância, porque pensa que este outro é ignorante. Para o autor, aquele que tem a ação de educar, ao conservar a ignorância, preserva um lugar onde não há variações, pois permanece sempre na posição de alguém conhecedor das coisas e o educando será aquele que tem menor conhecimento. Para o autor, “O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem” (FREIRE, 2016, p. 105). Nessa ideia de uma educação “bancária”, criticada pelo autor, aplica-se uma prática pedagógica sem reflexão que não permite ao educando refletir sobre a sua condição de oprimido. Uma educação “bancária” silencia os oprimidos, preserva e incentiva a ignorância e a opressão.

Nesse tipo de educação irá permanecer sempre aquele que supostamente sabe mais sobre o que supostamente possui menor conhecimento, ou seja, uma relação de opressor e oprimido. De acordo com Freire (2016), nesse conceito de educação “bancária” acontece que:

- a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- g) O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nessa escolha, se acomodam a ele;
- i) O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 2016, p. 106-107).

Para Freire (2018), o educador precisa, de forma democrática, estimular a capacidade de reflexão do educando, o interesse que ele tem de aprender, pois: “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (p. 28). Sendo assim, o educador precisa ter criatividade, criar condições no modo de ensinar, ser paciente e ter humildade, para que o educando possa aprender lado a lado com ele. Com a educação freiriana, percebe-se que o professor, por meio de suas práticas pedagógicas, é fundamental, não só pelos conteúdos, mas também pela prática de ensinar, o que pode levar o estudante a refletir sobre o ambiente no qual está vivendo e, também, sobre a libertação da opressão social. O educador que é capaz de refletir criticamente revela aos seus educandos uma das formas mais lindas de estar no mundo. Para Freire (2018),

“O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (p. 30).

De acordo com Freire (2018), o educador poderá ensinar ao educando a refletir de maneira correta, o que também é dever da escola, a partir do respeito aos seus conhecimentos, principalmente, aqueles aprendidos em sua cultura. Esses conhecimentos os educandos trazem consigo e são ensinamentos e experiências que aprenderam na prática de vida em comum com seus familiares ou em sua comunidade. Nas palavras do autor:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária –, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2018, p. 31).

Freire (2018) relata um modo que considera proveitoso, que seria aquele no qual o educador poderá discutir no ambiente escolar conteúdos relacionados à prática experimentada pelo educando em seu cotidiano. Dessa maneira, será possível um diálogo entre escola, educador e educandos, em um processo que poderá estimulá-los a refletir sobre os problemas enfrentados, a fim de provocar mudanças no espaço em que vivem e com as pessoas, num movimento que poderá libertá-los de uma situação de opressão.

Para Freire (2018), o educador deve atuar de forma democrática sem abandonar o rigor diante do conhecimento. Para ele, “Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se ‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis” (p. 28; grifos do autor). Esse rigor nada se compara com a educação “bancária”, em que o educador somente passa o conhecimento de forma reprodutora. Assim, é que uma educação libertadora freiriana não termina no “processo” de depósito de um objeto ou de um conteúdo despejado apenas, mas é uma atividade de aprendizado entre educador e educando que, ao longo de uma elaboração de suas condições, têm possibilidades de um aprendizado questionador.

Para Freire (2018), o educador democrático precisa de umas práxis pautadas na ética em busca de uma educação libertadora. Dessa maneira, será capaz de ações que dignificam o aprendizado, levando em consideração a história social, a valorização e o respeito pelo outro. Para Freire (2018), a experiência do educando não pode ser apenas aquela que envolve conhecimentos técnicos, pois assim a prática educativa desvalorizará o que há de essencialmente humano em sua atividade de conhecimento. Para o autor, um educador poderá

respeitar a consciência do educando ensinando disciplinas que não se distanciam e não abandonam o processo de formação que o levará a uma educação digna. Ensinar um estudante é essencialmente dar a possibilidade de ser alguém livre de opressões. Do mesmo modo, ensinar a pensar certo é contribuir para que se aprofunde numa compreensão e no modo de como esse educando terá os esclarecimentos de situações vivenciadas. Para Freire (2018), “Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos” (p. 35).

De acordo com o educador, para ensinar a pensar certo faz-se necessário a articulação entre a prática pedagógica, o seu modo de agir, e o que o educador fala. Freire (2018) relatou exemplos de como ficará o pensamento do educando ao perceber um educador sem firmeza nas palavras. Esse educador corre o risco de, ao mesmo tempo, defender a classe trabalhadora, lutando ao seu lado pela libertação e, logo em seguida, mudar seu discurso, sendo contrário aos interesses dessa classe e não praticando uma educação emancipadora. Assim não se pode admitir um professor falar algo aos alunos e se mostrar arrogante de modo, a pressioná-los com autoritarismo como se fosse mais sábio frente aos educandos. Pois, Freire (2018) escreveu: “Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo. Não é possível ao professor pensar que pensa certo mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se ‘sabe com quem está falando’” (p. 36, grifo do autor).

De acordo com Freire (2018), para pensar certo o educador precisa ser crítico em suas ações e refletir sobre o que e como será realizada sua prática pedagógica. O autor argumenta que, “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (FREIRE, 2018, p. 40). De acordo com o autor é por meio de reflexões críticas sobre a ação executada é que se poderá realizar ações melhores no futuro. Desse modo, o educando em seu processo de formação precisa necessariamente perceber que pensar certo não é algo que ele recebe como um brinde ou que vem escrito com regras impostas por outros pensadores. Mas que pensar certo é uma atividade realizada pelo próprio educando em formação numa interação comunicativa com o educador, ou seja, isso revela o processo de sintonia entre educador e educando.

Para o autor, o educador necessita reconhecer e aceitar as pessoas com a sua cultura, seu modo de viver. Para Freire (2018), o sentido decisivo da aceitação tem como intenção uma ação pedagógica inspirada em uma educação crítica, possibilitando aos educandos momentos em que possam se relacionar uns com os outros e, também, com o educador ou educadora experimentando e aceitando a cultura de cada um. Para o autor, aceitar-se como um sujeito que

faz parte de um coletivo é ser reconhecido como um indivíduo que pensa, é comunicativo, tem possibilidade de transformar o mundo e criar e realizar sonhos. O autor escreveu que, “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto” (FREIRE, 2018, p. 42).

Desse modo, o educador relatou um movimento solidário, coletivo e acolhedor, que se se faz preciso na construção da educação de um povo. Para ele, “A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância” (FREIRE, 2018, p. 42-43). Na maioria das vezes não se tem a dimensão de como a ação do educador, por mais simples que seja, pode representar na particularidade de cada educando. O autor relatou sobre o quanto é importante ou o quanto poderá ser destrutível a ação do educador. A atuação do educador poderá passar confiança, coragem para que os educandos sigam seus objetivos. Sobre isso, Freire (2018) destaca:

Estava sendo, então, um adolescente inseguro, vendo-me como um corpo anguloso e feio, percebendo-me menos capaz do que os outros, fortemente incerto de minhas possibilidades. Era muito mais mal-humorado que apaziguado com a vida. Facilmente me eriçava. Qualquer consideração feita por um colega rico da classe já me parecia o chamamento à atenção de minhas fragilidades, de minha insegurança. O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. (FREIRE, 2018, p. 43).

Ainda para o autor, o educador precisa ser capaz de aprender que ensinar não é transferir o conhecimento ao educando, como já mencionado. Ensinar é uma atividade que supera a incerteza e produz habilidades no indivíduo, a fim de que ele possa adquirir condições de transformar, por meio de sua ação, a sociedade da qual faz parte. O educador ao ensinar poderá oferecer a quem busca um aprendizado um momento de liberdade para que possa indagar sobre o sujeito que é e suas curiosidades, questionar a posição em que se encontra e desvendar seus conhecimentos sobre como aprender e no seu processo de aprendizagem. O educador precisa criar e produzir com os educandos numa troca de experiências entre eles e não apostar na ação de transferir o que sabe de qualquer modo. Sendo assim, para Freire (2018):

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas

razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica –, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 2018, p. 47).

Uma das bonitezas do educar de Paulo Freire se faz quando em seu livro “Pedagogia da Autonomia” (2018) o autor revelou que a ação de ensinar exige do educador saber ouvir o educando. Percebe-se que a atividade educativa deve se basear em um processo democrático e na solidariedade, conforme mencionado anteriormente, de modo a ensinar por meio do diálogo em que o educador aprende ao ouvir. Para Freire (2018), só aquele que tem paciência e que ouve o outro aprende a dialogar com ele. O autor relatou, dessa forma, que “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele” (FREIRE, 2018, p. 111). O educador com a tarefa de ensinar o educando precisa saber ouvir, e no ambiente escolar é preciso agir de forma democrática sabendo a hora de falar. Ensinar expondo o que aprendeu, mas também respeitar e incentivar o educando para que possa colocar suas dúvidas ou experiências vividas. O educador tem maior entendimento para explicar os conteúdos ao educando, mas deve reconhecer que o outro também é passível de saber alguma experiência que experimentou em algum momento, ou seja, os dois serão capazes de ensinar e aprender mutuamente. Para Freire (2018),

Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. (p. 114).

No ambiente de sala de aula a comunicação deve ser constituída por meio de um processo de dialogicidade, isto é, o educador e os educandos devem estabelecer uma comunicação que passe pela escuta, pela reflexão, pela fala, pela ética e pelo respeito. Para esse processo, Freire (2018) afirma:

No processo da fala e da escuta, a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um ‘sine qua’ da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração da sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. (p. 114).

Portanto, para o autor o respeito se faz por meio das relações mediante os processos de comunicação no qual não deve haver hierarquia e dominação. Deste modo, nessa perspectiva, aos sujeitos envolvidos é possibilitada a liberdade do modo de pensar e de atuar

pela transformação do e no mundo sem deixar de lado as bonitezas do ato de ensinar e aprender e sem perder as relações de afeto e amorosidade.

Freire (2018) afirma que o educador tem a responsabilidade de incentivar e estimular o educando. O autor ressalta que é inapropriado que o educador se sinta privilegiado, agindo de forma autoritária, como se fosse ele próprio o dono da verdade, que passa o tempo falando sem escutar os educandos e se coloca em oposição a uma educação libertadora. Este não se comporta como um educador democrático que exerce sua atividade ensinando e escutando, permitindo que o ouvinte tenha oportunidade de perguntar e refletir. Um educador torna-se democrático quando incentiva o educando a aperfeiçoar sua curiosidade, desenvolvendo junto com o educador uma habilidade de entendimento do mundo. Para o autor, a função do educador não é explicar *a* ou *b*, mas é esclarecer de modo objetivo o conteúdo, é incentivar o educando com os instrumentos disponíveis para que ele possa compreender o que está sendo discutido pelo professor (FREIRE, 2018). Assim, Freire (2018) reforça que o ensino não é transportar as ideias ao outro, nem tampouco se aprende algo por meio da memorização, em que o educando repete o que o educador ensina de modo vertical. Para o autor ensinar, apesar das dificuldades e limitações, é uma das bonitezas da relação entre educador e educando. Sendo assim, nas palavras de Freire (2018):

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência. (p. 116, grifo do autor).

O autor ainda ressalta a importância de valorizar a “leitura de mundo” (FREIRE, 2018), ou seja, o conhecimento que o educando traz consigo de sua cultura ou de sua aprendizagem familiar, e como ele vê o mundo. Para Freire (2018), o respeito pelo conhecimento vivido do educando significa partir do entendimento de seu cotidiano para se chegar a outros tipos de conhecimentos. Assim, o educador admite a história vivida pelo educando, negando-se a ocupar um lugar de um sujeito mais sábio que o outro e, “[...] recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica” (p. 120). A experiência de vida do educando mostra o quanto a vida educacional e coletiva se constituem, além de revelar a ação particular de cada indivíduo em um movimento de apropriação do mundo. Desse modo, para uma educação libertadora freiriana cabe a escola, como um lugar responsável pelo processo de aprendizagem, trabalhar o saber crítico e a

comunicação, sendo esta indispensável para incentivar o desejo de aprender do educando. No ambiente escolar é que ele se percebe como indivíduo, capaz de compreender as situações que o cercam. Ao contrário, o educador que ensina de forma autoritária, sem oferecer aos educandos a possibilidade de indagação e crítica, oprime-os, não permitindo que sejam criativos e ativos no ato de aprender. Pois para Freire (2018):

O professor autoritário, que se recusa a *escutar* os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza singular: o da afirmação do educando como sujeito do conhecimento. É por isso que o ensino dos conteúdos, criticamente realizado, envolve a *abertura* total do professor ou da professora à tentativa legítima do educando para tomar em suas mãos a responsabilidade de sujeito que conhece. Mais ainda, envolve a iniciativa do professor que deve estimular aquela tentativa no educando, ajudando-o para que a efetive. (p. 122, grifos do autor).

Nesse sentido, percebe-se que Freire (2016) investe em uma educação problematizadora, contrária a um tipo de educação em que os educadores se colocam em uma posição autoritária frente aos educandos. Em uma educação problematizadora a ação é cognoscente, ou seja, se oferece ao indivíduo a possibilidade de buscar se conhecer como sujeito para que ele próprio seja capaz superar os obstáculos enfrentados. Freire (2016) ressalta que nessa educação problematizadora e libertadora é preciso diálogo entre educador e educando. Nesse processo educacional, o educador restaura a todo tempo sua ação de ensinar, sem considerar os educandos como objetos de depósitos de conhecimento, pois em uma educação libertadora os educandos são levados a desenvolverem habilidades para buscarem soluções na resolução de problemas. Na atividade de educar com base em um processo de problematização, os educandos são desafiados a desenvolverem a sua capacidade de compreender o mundo e de transformá-lo. Assim, educador e educando passam a estabelecer um verdadeiro modo de agir e refletir sobre cada um e sobre a relação deles com o mundo, ao mesmo tempo, sem separar o modo de refletir do agir (FREIRE, 2016).

Nessa perspectiva, Freire (2016) traz a dialogicidade como uma prática da educação problematizadora, firmada na ação e reflexão e na palavra que poderá levar o indivíduo a uma atividade transformadora. Nesse sentido,

Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blá-blá-blá. (FREIRE, 2016, p. 133-134).

Dessa forma, a palavra perde sua potencialidade de, como ação, transformar algo real e se reduz a uma fala sem importância. Quando a palavra não tem mais extensão no agir, ela se torna apenas uma conversa sem fundamento. Por outro lado, conforme mencionado, o indivíduo precisa ser enraizado numa educação que o leve a ações reflexivas, pois ao negar a ação reflexiva o educador negará ou dificultando uma prática autêntica e transformadora. Segundo o autor, “A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo” (FREIRE, 2016, p. 134, grifo do autor). E Freire (2016) continua: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (p. 134).

Ainda sobre a boniteza do educar, Freire (1967) com sua visão de educação libertadora, no apêndice da obra “Educação como prática da Liberdade”, reafirma a importância da relação entre os homens. Uma relação por meio do diálogo, em que a palavra se faz necessária para um processo de mudança do homem no mundo e do próprio mundo, modificando a natureza e a cultura, por meio do trabalho. Segundo o autor, os homens transformaram o mundo a partir de suas necessidades, utilizando objetos na construção de sua moradia, vestuário, alimentação, entre outros, essenciais para sua sobrevivência. Nesse processo de constituição dos homens e de um mundo humanizado, percebe-se a importância do diálogo, que não pode ser algo autoritário, mas expressar uma relação entre sujeitos (FREIRE, 1967).

Retomando o livro “Pedagogia do Oprimido”, percebe-se que a luta de Freire (2016) sempre foi por uma educação pautada em um ensino para libertar o indivíduo. Em seus escritos, o autor enfatizou ser fundamental a comunicação, conforme mencionado anteriormente. Para ele, o diálogo é também um ato de amar, é um comprometimento com a classe oprimida. Ainda é possível perceber que não há diálogo se o homem se desvia da estupidez própria e a enxerga sempre no outro. De acordo com Freire (2016): “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante” (p. 137). Assim, de acordo com o autor é preciso que educadores e educandos saibam se comunicar e perceber que cada um tem sua ignorância e sua sabedoria, e que todos com suas particularidades estão à procura de juntos alcançarem mais conhecimento por meio de uma educação que os libertará de um estado de opressão (FREIRE, 2016). O educador enfatizou que onde existe diálogo há a confiança nos homens. Em suas palavras:

Se a fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na *pronúncia* do mundo. Se falha esta confiança, é que falharam as condições discutidas anteriormente. Um falso amor, uma falsa humildade, uma debilitada fé nos homens não podem gerar confiança. (FREIRE, 2016, p. 139).

Uma educação pautada na confiança precisa acontecer a partir da palavra firmada na verdade, pois se o educador diz algo e não sustenta sua palavra, ela não será capaz de passar confiança ao educando. Não é possível agir de forma democrática e não conceder oportunidade para que o educando fale, questione, como mencionado anteriormente (FREIRE, 2016). Freire (2016) ainda aposta na esperança como algo capaz de movimentar os homens para que modifiquem o lugar onde vivem e, para isso, são necessárias ações que levam à verdade e a um pensamento questionador, ou seja, que levem à luta a favor da coletividade na crença em uma sociedade compreensiva e mais humana (FREIRE, 2016).

Ainda sobre a boniteza do educar de Freire (1992), no estudo da obra “Pedagogia da Esperança” (1992), o educador afirmou que não há como negar a esperança como um fato real. Para o autor a esperança se faz necessária para que o ser humano possa refletir sobre sua realidade. Se não há esperança, ele fica impossibilitado da reflexão e passa a ser um indivíduo oprimido pelas relações cotidianas. O autor escreveu:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 1992, p. 10).

De acordo com Freire (1992), a esperança sozinha não modifica o mundo, mas é preciso ter esperança e lutar para transformá-lo. A esperança sem a reflexão e a ação pode tornar-se desânimo e falta de ação. Nas palavras do autor: “Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero” (FREIRE, 1992, p. 11). Desse modo, Freire (1992) reafirma a importância de um ensino que inspire o educando a ter confiança na mudança e na esperança. Para Freire (1992) esta pode ser uma saída para o desânimo: “Daí a precisão de uma certa educação da esperança. É que ela tem uma tal importância em nossa existência, individual e social, que não

devemos experimentá-la de forma errada, deixando que ela resvale para a desesperança e o desespero” (p. 11).

Diante de tantas bonitezas no educar de Freire mencionadas ao longo deste trabalho, recorre-se ainda ao escrito “Virtudes do educador”. Para o autor, uma virtude do educador é, por meio de sua experiência, saber a hora certa para falar e a hora de deixar os educandos se expressarem, ou seja, ele é sábio para distinguir quando falar e quando silenciar. (FREIRE, 1982). A atitude de silenciar para ouvir o outro é uma tarefa que requer muito do educador, que precisa estimular quem está aprendendo a ter apreço ao momento de questionamento e, também, de questionar-se. É necessário priorizar o fato de o educando a ter possibilidade de se expressar, de refletir por meio do diálogo, com liberdade para suas indagações a fim de realizar sua leitura do mundo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que para um educando adquirir consciência de um ser capaz de transformar o mundo em que vive, ele precisa de uma ação educativa que o leve a um processo de aprendizado democrático, com um ensino que se baseie em um diálogo crítico que o valorize como ser humano. Assim, Paulo Freire dá ênfase a uma educação libertadora com práticas pedagógicas voltadas para esclarecer ao educando a sua capacidade de compreender e transformar sua realidade. Para Freire (2016) é por meio de uma educação libertadora que o educador poderá fazer o educando refletir sobre suas ações no mundo. Desse modo, este trabalho ressaltou, com base em Freire (1967; 1979; 1992; 2016; 2018), uma educação que visa libertar o indivíduo da opressão para que ele tenha a possibilidade de desvendar os seus olhos, e para que perceba que um ensino que não se estabelece por meio do diálogo entre educador e educando, dificilmente, poderá chegar ao processo de libertação.

O autor enfatiza que o ser humano deve estar no mundo fazendo parte dele, expressando suas opiniões, intervindo com ações a fim de transformá-lo. As práticas pedagógicas, com base em Freire, exigem um educador que permita ao educando a experiência de um ensino diferente daquele que só se aprende a ler e a escrever, mas que possibilite a ele ler o mundo, ou seja, um ensino que consiga abrir os olhos dos educandos para que percebam suas condições concretas e se reconheçam como seres que têm sua importância no mundo (FREIRE, 2016).

Percebe-se como os escritos do autor valorizam a classe mais vulnerável, acreditando em seu potencial. A sua luta sempre foi em busca de uma educação para contribuir para que esta classe tenha esperança e a transforme em ação rumo à libertação das diversas opressões. Freire (2016) tinha sua atenção voltada para alfabetização dos adultos trabalhadores, com base em um método em que o educando fosse capaz de aprender e compreender para além da escrita, mas que se reconheça como um ser humano que provoca mudanças em si e na sociedade. O método freiriano tinha o objetivo de fazer com que o educando refletisse não só individualmente, mas também no coletivo, uma vez que neste é possível alcançar uma libertação do poder, da exploração e da desigualdade (FREIRE, 2016).

Ao analisar a biografia e a importância de Paulo Freire na ação de educar foi possível pensar que é possível haver uma transformação do educando no mundo e com o mundo, por meio de uma atividade educacional de forma libertadora, problematizadora. Esta educação acontece de forma dialógica, entre educador e educando, com um momento de ensino e aprendizado horizontal em que ambos possam ensinar e aprender simultaneamente. Refletir

sobre o papel da escola é compreender a necessidade de um educador que saiba ensinar de forma humilde e paciente, sabendo respeitar os conhecimentos que o educando já experimentou a partir de suas experiências vivenciadas. Para Freire (2018), quem ensina precisa ter ações de maneira democrática sabendo a hora de explicar o conteúdo de forma clara para o entendimento do educando. Mas, também, silenciar-se para que o outro possa compreender o que foi explicado de modo que tenha seu momento de questionar, dialogar, esclarecer suas dúvidas com o educador numa aprendizagem um ao lado do outro.

Assim, Freire (2016) defendeu um processo educativo em que educador e educando, indivíduos com liberdade, que falam e ouvem, que exclua o agir autoritário por parte do educador. Este deve se envolver numa ação pedagógica que, por meio do diálogo, respeita a cultura de ambos. Uma das bonitezas do educar é o educador reconhecer que ele tem maior conhecimento para explicar os conteúdos, mas também valorizar as experiências vivenciadas pelo educando, pois dessa maneira tanto educador quanto educando estarão em um processo de aprendizado mútuo.

A boniteza do educar freiriano na busca de uma educação libertadora tem a intenção de levar os educandos, em processo de formação, a uma reflexão crítica sobre a capacidade de aprender e, também, de levar o educador a ensinar de modo problematizador. Para acontecer uma ação libertadora, o educador precisa reconhecer o outro como um ser capaz de superar os obstáculos e adquirir habilidades, por meio de uma atividade educativa e, assim, levá-lo a buscar soluções para os desafios enfrentados no cotidiano. Ao se refletir sobre a educação freiriana, evidencia-se a necessidade de educadores que possibilitem ensinamentos que respeitem o educando com seu aprendizado, aquele adquirido na vida diária, e o aproxime de outros conhecimentos, para que tenha voz ativa e participe de transformações no mundo onde vive.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. In GADOTTI, Moacir (org.). **Uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez Editora, 1996. p. 27-67.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. Paulo Reglus Neves Freire. In Fávero e Britto (org.) **Dicionários de Educadores do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 893-899.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Exemplar nº 1405. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. Carta aberta a educadoras e educadores na Campanha da Fraternidade CNBB. In FREIRE, Paulo. **Virtudes do educador**. São Paulo: Vereda, Centro de estudos em educação, 1982. p. 9-10. Disponível em: <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/cmet/material/Paulo-Freire-Virtudes-do-Educador.pdf>.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. Paulo Freire: o revolucionário educador. **TV Globo**, Rio de Janeiro, mar. 1997. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/> Acesso em: 22 jan. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60ª Edição. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 56ª edição. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.
- INSTITUTO CAPIBARIBE. **Instituto Capibaribe**, © 2022. O instituto, nossa história. Disponível em: <http://www.institutocapibaribe.com.br/instituto/nossa-historia> Acesso em: 22 dez. 2022.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica, **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 fev. 2023
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1994, p. 9-29.